

Identities and dynamics of urban reconfiguration in the Digital Era

9th Conference of the Lusophone Network of Urban Morphology

Proceedings



Identidades e dinâmicas de reconfiguração urbana na Era Digital
Proceedings

9ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana
16 de Julho de 2021

Center for Innovation in Territory, Urbanism and Architecture (CiTUA)
Instituto Superior Técnico
Lisboa, Portugal

Editado por
Alexandra Alegre
António Ricardo da Costa
Daniela Arnaut
Francisco Teixeira Bastos
Jorge Gonçalves
Patrícia Lourenço
Rita Castel Branco

IST
Lisboa, 2022

BOOK OF PROCEEDINGS

Identities and dynamics of reconfiguration urban in the Digital Era

9th Conference of the

Rede Lusófona de Morfologia Urbana

16 July 2021 . Instituto Superior Técnico / Universidade de Lisboa

—

Edição

Alexandra Alegre

António Ricardo da Costa

Daniela Arnaut

Francisco Teixeira Bastos

Jorge Gonçalves

Patrícia Lourenço

Rita Castel' Branco

Coordenação e Produção

António Ricardo da Costa

Rita Castel' Branco

Design Gráfico

Rita Castel' Branco

Fotografia de capa:

Rita Castel' Branco

Publicação

IST

Lisboa, 2022

ISBN 978-989-99522-1-8

—

Esta publicação deve ser citada do seguinte modo: ALEGRE, Alexandra, ARNAUT, Daniela, CASTEL'BRANCO, Rita, BASTOS, Francisco Teixeira, COSTA, António Ricardo da, GONÇALVES, Jorge, LOURENÇO, Patrícia (eds.), Identidades e dinâmicas de reconfiguração urbana na Era Digital, 9^a Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana, Book of Proceedings, 16 de Julho de 2021, PNUM, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa, IST Press, 2022.

—

Os editores esforçaram-se no sentido de obter as autorizações relativas à reprodução das imagens apresentadas nesta obra. No caso de existirem ainda direitos legítimos, agradecemos que as entidades visadas contactem a editora.

© dos textos, os autores

© das imagens, os autores

Comissão científica do PNUM 2021

Alexandra Alegre

Ana Tostões

António Ricardo da Costa

Daniela Arnaut

David Viana

Eneida Mendonça

Francisco Teixeira Bastos

Frederico de Holanda

João Rafael Santos

João Vieira Caldas

Jorge Gonçalves

José Álvaro Antunes Ferreira

Karin Schwabe

Manuel Correia Guedes

Patrícia Lourenço

Pedro George

Rita Castel' Branco

Stael Pereira da Costa

Teresa Heitor

Teresa Marat-Mendes

Vítor Oliveira

—

Coordenação Geral

António Ricardo da Costa

—

Comissão organizadora do PNUM 2021

Alexandra Alegre

António Ricardo da Costa

Daniela Arnaut

Francisco Teixeira Bastos

Jorge Gonçalves

Patrícia Lourenço

Rita Castel' Branco

Instituições organizadoras



Identidades e dinâmicas de reconfiguração urbana na Era Digital

9ª Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana

Lisboa, 16 de Julho 2021

Apresentação

Assumindo a importância de se pensar sobre temas da morfologia urbana, propõe-se uma reflexão sobre o papel da forma urbana na construção e afirmação da identidade dos lugares em tempos de hiper mobilidade e de mudança nos modos de produção, consumo e percepção do espaço construído, sob o tema geral “Identidades e Dinâmicas de Reconfiguração Urbana na Era Digital”.

O estudo da forma urbana centrado nos elementos e nos tempos que a compõem, nas relações estabelecidas entre as suas partes constituintes e nos equilíbrios e desequilíbrios criados pelas actuais dinâmicas de reconfiguração urbana que a Era digital tem impulsionado permitirá compreender qual o seu papel na construção ou na perda da identidade da cidade contemporânea.

Para a conferência são propostos quatro subtemas – ideologia e forma urbana; Equipamentos colectivos e forma urbana; O tempo e a forma urbana; Morfologias urbanas em espaços periféricos – que se consideram relevantes para aprofundar esta discussão. Permitem abordagens específicas na análise da forma urbana contemporânea e constituem-se, na verdade, como componentes fundamentais para a sua compreensão enquanto entidade em constante evolução. Espera-se que, no confronto das diversas abordagens sobre estas temáticas apresentadas e discutidas na edição 2020 do PNUM, surjam novas perspectivas de análise e de intervenção que contenham respostas eficazes no contexto das dinâmicas de transformação do espaço urbano contemporâneo.

Caros colegas,

Este Congresso PNUM 2021, sobre o tema “**Identidades e Dinâmicas de reconfiguração Urbana na Era Digital**”, organizado pelo Centro de Investigação em Território, Urbanismo e Arquitectura (CITUA) do Instituto Superior Técnico foi diversas vezes adiado pelas vicissitudes que todos conhecemos tendo sido, finalmente, possível em formato online.

O texto que de seguida vos apresentamos corresponde ao meu discurso de abertura, que aqui fica como testemunho desse dia em que nos reunimos para, em circunstâncias únicas, dar seguimento a uma prática de reflexão e discussão de ideias, dentro de uma língua comum - ideias que refletem as inquietações, perplexidades e o deslumbramento de todos nós pelo conhecimento da cidade e da morfologia urbana.

The long view

Aos meus longos e idos anos de professor de história da cidade devo uma “visão longa”, *the long view*, quando se trata de avaliar a importância de contextos pontuais nas mutações do tecido físico da cidade. É essa *long view* culpada, pelas limitações que impõem e pelos impulsos que reprime, por um ceticismo pessoal perante previsões de alterações bruscas e ruturas contundentes na estrutura e na morfologia da cidade.

O peso material da cidade impõe a sua resistência à mudança – estranho paradoxo que funda simultaneamente a sua condição poética e a sua condição distópica.

Da tendência de continuidade da forma Urbana e da mutabilidade do Espaço Urbano

É, pois, necessário sublinhar a separação entre a estrutura do território e da cidade construída, que se tende a perpetuar nas suas premissas, e o espaço público mais recetivo à mudança, à adaptação e à inovação. No entanto, vivemos tempos diferentes – a articulação das necessidades que a pandemia impôs com as possibilidades do mundo digital vem permitir inesperados milagres de desmaterialização e de comunicação à distância. A nossa presença hoje, aqui, é disso exemplo irrefutável.

O trabalho à distância permitirá, finalmente uma distribuição mais equilibrada da população sobre o território? Existirão num curto espaço de tempo, áreas centrais de escritórios tornadas desérticas pelo

trabalho à distância? Permitirá o trabalho à distância uma pulverização das áreas residenciais tais como as conhecemos hoje e um acréscimo da qualidade de vida? Libertar-nos-emos, finalmente, da dependência do carro (e do carbono...) pela diminuição da necessidade das deslocações pendulares? Teremos possibilidades de reverter finalmente, de forma clara, o espaço urbano para os peões? Serão os bairros energeticamente sustentáveis as novas estrelas da cidade? Os novos edifícios terão todos áreas de coworking? Este nosso momento, aqui e agora é um momento de dúvida por excelência!

Do ponto de vista da estrutura e da morfologia da cidade, estas transformações têm que ser pensadas com prudência: não é claro que tão profundas transformações no nosso cotidiano afetem consideravelmente uma morfologia urbana o mais das vezes estabilizada – a forma da cidade tende a permanecer perante as atribuições dos homens. E porque permanece fixa a memória, transforma-se em Lugar. A permanência é a condição do Lugar.

É expectável que os usos do edificado existente se alterem, que novos edifícios venham alterar os perfis das ruas, que novas linguagens de arquitetura nos tragam novas poéticas e enriqueçam o espaço urbano com novas relações e novas vivências, que novos espaços exteriores públicos venham enriquecer uma vida urbana o mais das vezes pobre - mas se o rosto da cidade se altera, ela manterá sob a aparência do cansaço a beleza ou a fealdade dos traços iniciais.

Do contexto atual e das ambições futuras

No estranho contexto que hoje vivemos a cruel presença da morte veio lembrar-nos as necessidades dos vivos.

Ficaram expostas as consequências sobre a vida e a saúde de espaços congestionados e sem qualidade, ficaram expostas as consequências da ausência de espaços verdes de desafogo e de área populacionais sobrelotadas. Ficaram expostas as consequências sobre a vida e a saúde mental de espaços públicos deficitários de desenho que induzem á solidão e á morte. Quantos de nós, no nosso trabalho quotidiano já tinham alertado sobre estas questões?

Um novo olhar sobre a sociedade e sobre a vida do quotidiano parece surgir desta catástrofe: mais justo, mais sustentável, mais igualitário, mais integrador, mais humano. O espaço público visto agora como bem escasso e precioso parece ganhar um protagonismo justo mas inesperado, no discurso de políticos e decisores. Os fatores de stress social entraram no dicionário das preocupações deste novo urbanismo – menos ruído, menos poluição - mais espaços de interação e integração social com polissemias narrativas capazes de integrar a diferença e a diversidade. Ou seja reescreve-se, e bem!, o ideal humanista que Marguerite Yourcenar descreve ao definir os ideais do imperador Adriano:

“Queria que as cidades fossem esplêndidas, arejadas, regadas por águas claras, povoadas por seres humanos cujo corpo não fosse deteriorado pelas marcas da miséria ou da servidão, nem pela vaidade de uma riqueza grosseira: que os escolares declamassem com voz justa lições que não fossem ineptas; (...) (...) que os ginásios fossem frequentados por jovens que não ignorassem jogos nem artes; que os pomares produzissem os mais belos frutos e os campos as mais abundantes colheitas”.

Hoje como ontem, a história reescreve-se, a partir das ambições que nos orientam. Que os trabalhos que neste congresso serão apresentados possam ser já um passo numa outra história da cidade: mais justa, mais sustentável e mais humana!

Lisboa, 21 de Novembro de 2021

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'António Salvador Ricardo da Costa'. The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke extending to the right.

António Salvador Ricardo da Costa

Programa

14:00 - 14:30						
SESSÃO DE ABERTURA Jorge de Brito e Rogério Colaço						
14:30 - 14:45 Jorge Correia						
14:30 - 14:45		IDEOLOGIA E FORMA URBANA	EQUIPAMENTOS COLECTIVOS E FORMA URBANA			
		KICK OFF PEDRO GEORGE / VICTORIANO SAINZ / SIDÓNIO PARDAL	KICK OFF PAULO MARTINS BARATA			
		SALA IDEOLOGIA 1	SALA IDEOLOGIA 2			
		Título	Título			
		Moderador: António Ricardo da Costa	Moderadores: Pedro George e Rita Castel Branco			
		Moderadoras: Alexandra Alegre e Daniela Arnaut				
SESSÃO A 15:45 - 16:45	11	A malha e o substrato: em busca de conciliações para o caso da cidade de Macapá – Amapá – Brasil.	115	Vitalidade urbana em legislações urbanísticas de cidades médias brasileiras: uma análise comparativa	E1	El emplazamiento de un equipamiento metropolitano: el caso de la ampliación del complejo hospitalario de A Coruña
	12	Gestão do Meio Urbano com Sensoriamento Remoto: Monitoramento da alteração da cobertura vegetal e a expansão da cidade de Campo Grande/MS, Brasil	116	O impacto das tipologias do alojamento local nas dinâmicas de transformação do tecido urbano do Porto	E2	Territórios Educativos na Cidade do Rio de Janeiro: Linhas de fuga para reinvenção da Escola e da Cidade com as crianças
	13	Uma proposta modesta de paisagem produtiva: O conceito de CPUL num cordão sub-regional da Região de Lisboa	117	A influência dos investimentos públicos no estudo morfológico de dois importantes eixos da Ilha de Santa Catarina/Brasil	E3	A cidade como laboratório educativo e articulador de saberes e contextos
	14	"Do prado ao prato": transformações espaciais e dinâmicas metropolitanas representadas por redes de distribuição alimentar	118	A importância da paisagem para a experiência urbana: Análise dos impactos paisagísticos do Novo Plano Diretor de Belo Horizonte – Brasil	E4	A relação entre os aspectos morfológicos e as apropriações dos espaços livres públicos e coletivos na habitação social
SESSÃO B 16:45 - 17:30	15	Caracterização da urbanidade pela morfologia urbana: uma proposta metodológica	119	A 4ª Revolução Industrial: subdesenvolvimento, dependência e a ilusão da autonomia.	E5	Circuito Zona Verde: em busca do resgate da vida coletiva do bairro
	16	Qualidade Socioambiental dos espaços livres de uso público: Análise das praças da Grande Cobilândia, Vila Velha-ES	120	A produção do espaço em áreas de expansão urbana: um estudo sobre Cuiabá – Mato Grosso, Brasil	E6	O impacto positivo das dinâmicas sociais e coletivas no Habitat. O caso de Caselas e o Caselas Futebol Clube
	17	Representações morfológicas urbanas nos jogos de tabuleiro modernos: uma sistematização e os casos dos jogos Lisboa, Coimbra e Porto	121	Tabela Periódica dos Elementos Morfológicos: proposta para metodologia ativa de ensino e aprendizagem nos cursos de Arquitetura e Urbanismo	E7	Lapiseira Política: o projeto arquitetónico no processo de atenuação das desigualdades urbanas na cidade do Rio de Janeiro
PAUSA						
SESSÃO C 18:00 - 19:00	18	Cidade Celular: uma convergência entre método, forma e questão teórica na cidade contemporânea.	122	Porosidade: condição essencial para a vida urbana	E8	Património e paisagem: ensaio topocéptico sobre os impactos morfológicos da implantação do Shopping Center no centro antigo da cidade de Maranguape, Ceará.
	19	Revisando o conceito de Regiões Morfológicas: uma abordagem quantitativa	123	A urbanística moderna na morfologia urbana de conjuntos habitacionais: um estudo da rua	E9	Doação de dotes públicos e a função social da propriedade urbana
	110	Caráter da Paisagem em Speightstown: morfologia urbana, identidade e os múltiplos tempos do antigo porto de Barbados	124	Ideologia vs Designio : seis visões para pensar a (forma da) cidade contemporânea a partir do espaço público	E10	O património ferroviário de Colatina/ES, Brasil e sua relação com o espaço urbano na contemporaneidade
	111	As Unidades de Paisagem da Orla da Baía de Guanabara em Niterói/RJ	125	Uma Taxonomia para os Espaços Abertos de Macapá	E11	Cidades Instantâneas: software e hardware para eventos efêmeros.
SESSÃO D 19:00 - 19:45	112	Made in Asia: Globalização não hegemônica e a morfologia no Centro Histórico de Belém (CHB)	126	As da alegria: as festas afro-brasileiras no bairro M	T29	A narrativa como aproximação da experiência intersubjetiva do lugar
	113	Modelagem, análise e simulação de cenários urbanos para visibilização de dinâmicas urbanas em Fortaleza, CE	127	A narrativa da mobilidade urbana sustentável e o seu papel na conformação da forma urbana - o caso de Braga	T30	Restauração e morfologia de Place Royale em Québec
	114	A paisagem urbana histórica da Avenida Higienópolis em Londrina (PR): continuidade e mutação da edificação de caráter histórico	128	Entre mobilidades e "i-mobilidades": reverberações da era digital global nos espaços de vida citadinos	T30	As Unidades de Paisagem da Orla da Baía de Guanabara em Niterói/RJ
19:45 - 20:15 Homenagem a Jeremy Whitehand						
20:15 - 20:30 SESSÃO DE ENCERRAMENTO						

14:00 - 14:30								
SESSÃO DE ABERTURA								
Jorge de Brito e Rogério Colaço								
14:30 - 14:45								
Jorge Correia								
O TEMPO E A FORMA			MORFOLOGIAS URBANAS EM ESPAÇOS PERIFÉRICOS					
KICK OFF CARLOS VELOSO			KICK OFF JOÃO RAFAEL SANTOS					
SALA TEMPO 1		SALA TEMPO 2		SALA PERIFÉRIAS 1	SALA PERIFÉRIAS 2			
Título		Título		Título	Título			
Moderador: Francisco Teixeira Bastos		Moderadora: Patrícia Lourenço		Moderador: Jorge Gonçalves	Moderador: Pedro Pinto			
SESSÃO A 15:45 - 16:45	T1	Morfologia urbana e informalidade: a busca da identidade local	T15	O tempo e a forma em Maruipé	P1	O (des)governo da forma urbana na Área Metropolitana de Lisboa	P15	Vazios urbanos na morfologia dos condomínios horizontais fechados nos municípios de Indaítiba e Itatiba, de 2000-2020
	T2	Pequenas cidades do Brasil: diálogos entre forma e sociedade	T16	Tempos e perspectivas: a gênese do tecido e do traçado do sítio histórico da Prainha em Vila Velha/ES	P2	Densidade e morfologia dos projetos de expansão urbana de Brasília-Como fica a urbanidade?	P16	Distribuição socioespacial dos espaços livres de uso público para práticas sociais no contexto urbano da Grande Cobiândia, Vila Velha-ES
	T3	O chão da cidade: pequeno atlas morfológico da interface público-privada na São Paulo formal e informal	T17	O Paço dos Duques de Bragança, no contexto da evolução da morfologia urbana de Lisboa	P3	A produção do espaço urbano na cidade de Goiânia-GO: Espraçamento urbano e seus desdobramentos	P17	As dinâmicas dos espaços livres públicos periféricos: reflexões acerca de praças da cidade de São Gonçalo na periferia metropolitana do Rio de Janeiro
	T4	Informal rooting: um atlas aberto	T18	Os lotes burgueses- unidades básicas da paisagem urbana?	P4	A morfologia da periferia: uma análise da conformação morfológica de loteamentos periféricos em São Gonçalo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro	P18	Impactos da Verticalização na Cidade de Goiânia/Brazil
SESSÃO B 16:45 - 17:30	T5	A Habitação pré-industrial de Lisboa – Um recurso urbano a revalorizar na era digital	T19	Investigar o habitar para melhor o planejar	P5	Transformações Configuracionais da Ocupação Urbana em Contexto Metropolitano: Leitura diacrônica de Goiânia.	P19	Distribuição Socioespacial das Áreas Verdes Urbanas de Vila Velha-ES: Análise com ênfase na Sintaxe Espacial
	T6	O bordado e a configuração urbana de São Luís do Maranhão nos séculos XIX e XX: costuras histórico-cartográficas	T20	Fradinhos e Maruipé-Vitória-ES: a Formação e a Transformação dos Bairros	P6	Mapeamento colaborativo com o PeopleGrid: uma possibilidade baseada em modelagem e morfologia urbana	P20	Agricultura urbana na Área Metropolitana de Lisboa: uma perspectiva morfológica.
	T7	Integração e segregação urbana na cidade colonial de Tarija, Bolívia	T21	Contração e Colmatação: análise de intervenções à escala da parcela	P7	Aspectos morfológicos do Caxambu, uma seção periférica de Petrópolis	P21	Transformações do tecido urbano em São Paulo: o caso da Vila Prudente
PAUSA								
SESSÃO C 18:00 - 19:00	T8	Análise configuracional e cartografia histórica na leitura do processo de modernização e reconstrução de Roma durante o século do Renascimento	T22	Morfometria urbana: o Atlas Morfológico de São Paulo	P8	Evolução da habitação social no Brasil e os reflexos do Programa Minha Casa Minha vida no tecido urbano das cidades brasileiras: Análise do bairro Portal da Alegria em Teresina, Piauí.	P22	A prática, o significado e a representação de um território periférico para valorização da prática de turismo: Metodologia de diagnóstico
	T9	Campo Alegre - Cidade	T23	O Campus Universitário e a Cidade: Novos Tipos Edifícios, Espaço Livre público, Espaços livres intraquadra	P9	Os sistemas de ordenação territorial da favela de Paraisópolis	P23	A Transformação da Paisagem em um Bairro Periférico do Rio de Janeiro
	T10	"Organização" dos espaços livres públicos: o caso das praças nos espaços periféricos da cidade de João Pessoa, Nordeste do Brasil	T24	Iluminação e o espaço verde público dos Olivais	P10	De que lado você mora? Rupturas morfológicas e legislativas na zona noroeste da cidade do Recife	P24	Os subúrbios cariocas como questão simbólica: o lugar na leitura de Lima Barreto
	T11	Forma urbana e uso nas praças Costa Pereira (Vitória/ES) e da Liberdade (Belo Horizonte/MG): uma análise comparativa	T25	Efeitos da presença de edifícios altos com distintas atividades e interfaces térreas no uso de espaços abertos públicos	P11	Reestruturação urbana e fragmentação socioespacial: um estudo de caso em cidades médias brasileiras		
SESSÃO D 19:00 - 19:45	T12	A expansão urbana em Três Pontas (Minas Gerais, Brasil): uma leitura morfológica	T26	A influência da BR-163 na morfologia e desenvolvimento de cidades planejadas em Mato Grosso	P12	A Operação Urbana Consorciada - Osório de Paiva: novas regulações urbanas	P25	Acessibilidade espacial e precificação em áreas de expansão na Região Metropolitana de Natal/RN no contexto da Copa de 2014: o caso de São Gonçalo do Amarante/RN
	T13	Território, limite e transformação, elementos de análise da forma urbana	T27	Avaliação da qualidade espacial do ambiente do pedestre no centro histórico da cidade de Cesena (Itália)	P13	projeto de edificações: o Código Urbano C	P26	Mobilidade urbana na Zona Leste de São Paulo
	T14	Uma análise diacrônica para Jaraguá (Goiás, Brasil): o papel das políticas desenvolvimentistas para a transformação espacial do município	T28	Investigação morfológica e prática profissional em planejamento, desenho urbano e arquitetura	P14	Urbe amazônica entre margens e modos: gentrificação e configuração espacial em Rio Branco	P27	Palimpsesto e simultaneidade. A estrutura viária do sistema urbano de Braga. Conformações e oportunidades da rede viária micro e capilar.
19:45 - 20:15								
Homenagem a Jeremy Whitehand								
20:15 - 20:30								
SESSÃO DE ENCERRAMENTO								

ÍNDICE

Apresentação.....	7
Discurso de Abertura.....	8
Programa.....	12
Índice.....	15
Tema 1: Ideologia e forma urbana.....	17
A Narrativa da Mobilidade Urbana Sustentável e o seu papel na conformação da forma urbana. O caso de Braga. Filipa Corais.....	21
Caráter da Paisagem em Speightstown: morfologia urbana, identidade e os múltiplos tempos do antigo porto de Barbados Tiffany Yarde ¹ , Alex Lamounier ²	37
Da Ideologia ao Designio: seis visões para pensar a (forma da) cidade contemporânea, a partir do espaço público Rodrigo Coelho.....	53
Qualidade socioambiental dos espaços livres de uso público: análise das praças da Grande Cobilândia, Vila Velha-ES Amanda Passamani ¹ , Larissa Ramos ¹ , Luciana Jesus ² , Karla Conde ²	69
Cartografias da alegria: as festas afro-brasileiras no bairro Macrina Roberta Bettcher.....	81
O impacto das tipologias do alojamento local no tecido urbano do Porto Catarina Ruivo, Bruno Quelhas.....	91
Morfologia e mobilidade: atributos da forma urbana facilitadores da mobilidade Ricardo Eirado ¹ , Valério de Medeiros ¹ , Maria do Carmo Bezerra ¹	109
Entre mobilidades e "i-mobilidades": Reverberações da era digital global nos espaços de vida cívicos Gustavo Pimenta.....	125
Representações morfológicas urbanas nos jogos de tabuleiro modernos: sistematização e casos dos jogos Lisboa, Coimbra e Porto Micael Sousa.....	139
Caracterização da urbanidade pela morfologia urbana: uma proposta metodológica Juliana Rammé, Sílvia Pina.....	151
A influência dos investimentos públicos no estudo morfológico de dois importantes eixos da Ilha de Santa Catarina/Brasil Anicoli Romanini, Adriana Rossetto.....	167
Vitalidade urbana em legislações urbanísticas de cidades médias brasileiras: uma análise comparativa Talita Micheletti, Fábio Mariz Gonçalves.....	183
Tema 2: Equipamentos colectivos e forma urbana.....	193
O património ferroviário de Colatina/ES, Brasil, e sua relação com o espaço urbano na contemporaneidade Aline Silveira, Luana Matos.....	197
A relação entre os aspectos morfológicos e as apropriações dos espaços livres públicos e coletivos na habitação social Carmem Procópio, Sílvia Pina.....	213
Lapiseira Política: o projeto arquitetónico no processo de atenuação das desigualdades urbanas na cidade do Rio de Janeiro Gabriel Fernandes, Bruno Costa.....	227
Cidades Instantâneas: software e hardware para eventos efémeros. Eduardo Fernandes.....	237
A localização de uma infraestrutura metropolitana: o caso da ampliação do Complexo Hospitalar de A Coruña. Cándido López, María Carreiro.....	253
Tema 3: O tempo e a forma.....	271
A Habitação pré-industrial de Lisboa – Um recurso urbano a revalorizar na era digital Joana Mourão; Alexandra Alegre, A; João Vieira Caldas.....	275
Uma análise diacrónica para Jaraguá (Goiás, Brasil): o papel das políticas desenvolvimentistas p/ transformação espacial do município Richardson Moraes, Valério de Medeiros.....	285
A expansão urbana em Três Pontas (Minas Gerais, Brasil): uma leitura morfológica Juliana Ozelim, Valério de Medeiros.....	301
Análise configuracional e cartografia histórica na leitura do proc. de modernização e reconstrução de Roma durante o séc. do Renascimento Pedro Flora.....	315
Efeitos da presença de edifícios altos com distintas atividades e interfaces térreas no uso de espaços abertos públicos Débora Gregoletto, António Tarcísio Reis.....	333

Território, limite e transformação, elementos de análise da forma urbana Maria Isabel Imbronito, Adilson Costa Macedo, Ana Catarina C. Moreira, Hana S. de Queiroz, Mayara dos Santos	345
Tempos e perspectivas: a gênese do tecido e do traçado do sítio histórico da Prainha em Vila Velha/ES Esdras Almonfrey, Melissa Oliveira	355
Fradinhos e Maruípe - Vitória - ES: a formação e a transformação dos bairros Luciana Nemer	369
Contração e colmatação: análise de intervenções à escala da parcela Ana Mélice Dias	383
Usos não residenciais e centros urbanos: uma perspectiva de estudo histórico com uso do digital Flavia Botechia Amanda Ferreira; Gabrielly Vieira; Lina Leal; Vitória Barroca	393
Forma urbana e uso nas praças Costa Pereira (Vitória/ES) e da Liberdade (Belo Horizonte/MG): uma análise comparativa Cecília Torezani, Michela Pegoretti, Eneida Mendonça	405
A influência da BR-163 na morfologia e desenvolvimento de cidades planejadas em Mato Grosso Gisele Carignani, Gabriella Oliveira e Deyvilla Arantes	421
Avaliação da qualidade espacial do ambiente do pedestre no centro histórico da cidade de Cesena (Itália) Larissa Ismanhoto, Renata Magagnin	433
Integração e segregação urbana na cidade colonial de Tarija, Bolívia Maria Eugenia Mansilla, Valério de Medeiros	449
Tema 4: Morfologias urbanas em espaços periféricos.....	461
Um futuro para o projeto de edificações: o Código Urbano Contextualizado Bruno Luis de Carvalho da Costa	465
Vazios urbanos na morfologia dos condomínios horizontais fechados nos municípios de Indaiatuba e Itatiba, de 2000-2020 Gabrielle Coelho, Tomas Moreira	479
Distribuição socioespacial dos espaços livres de uso público para práticas sociais no contexto urbano da Grande Cobilândia, Vila Velha-ES Amanda Matos, Larissa Ramos, Luciana de Jesus, Karla Conde	493
Mobilidade urbana na Zona Leste de São Paulo	503
Palimpsesto e simultaneidade. A estrutura viária do sistema urbano de Braga. Conformações e oportunidades da rede micro e capilar Sandra Brito, Filipa Corais, Madalena Pinto da Silva, Marta Labastida, Helena Carvalho	513
Acessibilidade e precificação em áreas de expansão na RM de Natal/RN no contexto da Copa de 2014: o caso de S. Gonçalo do Amarante/RN Rodrigo Nascimento, George Dantas e Edja Trigueiro	527
Aspectos morfológicos do Caxambu, uma seção periférica de Petrópolis Patrícia Drach, Isabella Bonfadini	543
Entre a forma e a lei: as rupturas nos padrões de ocupação da zona noroeste do Recife Beatriz Ferraz, Cristiano Nascimento, Lucy Donegan	553
A produção do espaço urbano na cidade de Goiânia-GO: espraiamento urbano e seus desdobramentos Lorena Brito, Celene Barreira, Erika Kneib	567
Transformações do tecido urbano em São Paulo: o caso da Vila Prudente Gastão Sales, Angélica Alvim, Adilson Macedo	581
Densidade e morfologia dos projetos de expansão urbana no DF. Como fica a Urbanidade? Paula Anderson de Matos Eustáquio, Mônica Fiuza Gondim	600
A construção do Espaço Público nas vilas rurais amazônicas Kamila Oliveira, Giselle Pinho, Ana Cláudia Cardoso	615
A morfologia da periferia: uma análise da conformação morfológica de loteamentos periféricos em S. Gonçalo na RM do Rio de Janeiro Jefferson Tomaz de Araújo, Eloisa Carvalho de Araujo	625
As dinâmicas dos espaços livres públicos periféricos: reflexões acerca de praças da cidade de S. Gonçalo na periferia metropolitana do Rio de Janeiro Jefferson Tomaz de Araújo, Eloisa Carvalho de Araújo	639
Os subúrbios cariocas como questão simbólica: o lugar na leitura de Lima Barreto Juliane Medeiros	655

A localização de uma infraestrutura metropolitana: o caso da ampliação do *Complejo Hospitalario de A Coruña*.

Cándido López¹, María Carreiro²

^{1,2} Grupo de investigação GAUS, ETS Arquitectura, Universidade da Coruña
Traduzido do espanhol por Ana Isabel Gravata Rodrigues Silva Ramos
R/ Posse nº 55, 5º B, A Coruña 15009, Telefone: 00 34 981130909
candido.lopez@udc.es, maria.carreiro@udc.es

Palavras-chave

Complexo hospitalar, localização, infraestrutura metropolitana.

Introdução

No século XIX, os higienistas propuseram a criação de espaços verdes para melhorar a saúde física e mental da cidadania. Baseando-se neste princípio, projetaram tanto a construção de novos parques urbanos, como a inclusão de vegetação no espaço edificado preexistente. Esta atitude teve uma influência determinante na edificação de hospitais do primeiro terço do século XX. Adotou-se então como modelo o agregado de pavilhões destinados a pacientes e serviços médicos. Entre outros, devemos mencionar o hospital de *Sant Pau y la Santa Creu* de Barcelona, projetado por Lluís Domènech i Montaner; o hospital *Grange-Blanche* (atual *Édouard Herriot*) de Lyon, projetados por Tony Garnier; ou o *Zonnestraal*, de Hilversum, obra de Duiker e Bijvoet (**Figura 1**).

Superados os princípios higienistas, as perspetivas teóricas aplicadas a este tipo de intervenção foram diversas. Encontraram no taylorismo e na economia de escala a resposta ao elevado custo das instalações e dos equipamentos médico-cirúrgicos. Assim, para se obter uma maior eficiência económica, sanitária e social, optou-se por concentrar todos os serviços num mesmo edifício. De acordo com esta linha de pensamento, inaugurou-se, no princípio dos anos 70, no *Término Municipal de A Coruña* (doravante *TM A Coruña*), o atual *Complejo Hospitalario Universitario de A Coruña -CHUAC-*, no lugar de Eiris. Numa época de crescimento económico como a que se vivia, a localização do hospital na periferia da cidade foi uma resposta a circunstâncias sobrevindas.

Durante este último ano, as administrações responsáveis estudaram quer a ideia de ampliar o já mencionado hospital, quer a de construir um novo. A ampliação teria lugar, evidentemente, nas imediações do edifício atual, enquanto um complexo totalmente *ex novo*

seria construído, segundo algumas vozes, no recinto da antiga Fábrica de Armas da cidade, na zona de Pedralonga. Finalmente, os técnicos e políticos responsáveis pelo processo optaram pela ampliação do hospital, justificando a decisão com as dificuldades de acesso aos terrenos da Fábrica de Armas, pela inconveniente modificação, mesmo pontual, do *Plan General* vigente e, em última instância, alegando que, após uma consulta feita à comunidade sanitária, havia uma preferência pela primeira opção. Esta escolha tornou-se pública a par do anúncio de um investimento de 395 milhões de euros.

As características da localização, assim como o necessário aumento do espaço hospitalar que a pandemia provocada pela COVID veio reforçar, reforçam um questionamento desta decisão (Fourquet, 1978: 107-109). Com o objetivo de ponderar a decisão adotada, em primeiro lugar expõe-se o estado de alguns edifícios urbanos singulares projetados ou construídos nas últimas décadas. Em segundo lugar descrevem-se as grandes operações urbanas à escala *macro* que, presentes no desenvolvimento do território, evidenciam a relevância da adequação da localização das infraestruturas sanitárias. E, em terceiro lugar, analisa-se a infraestrutura hospitalar através dos cinco aspetos que caracterizam a zona de edificação escolhida: demográfico-social, mobilidade, biofílico-paisagístico, tecnológico-sanitário e normativo.

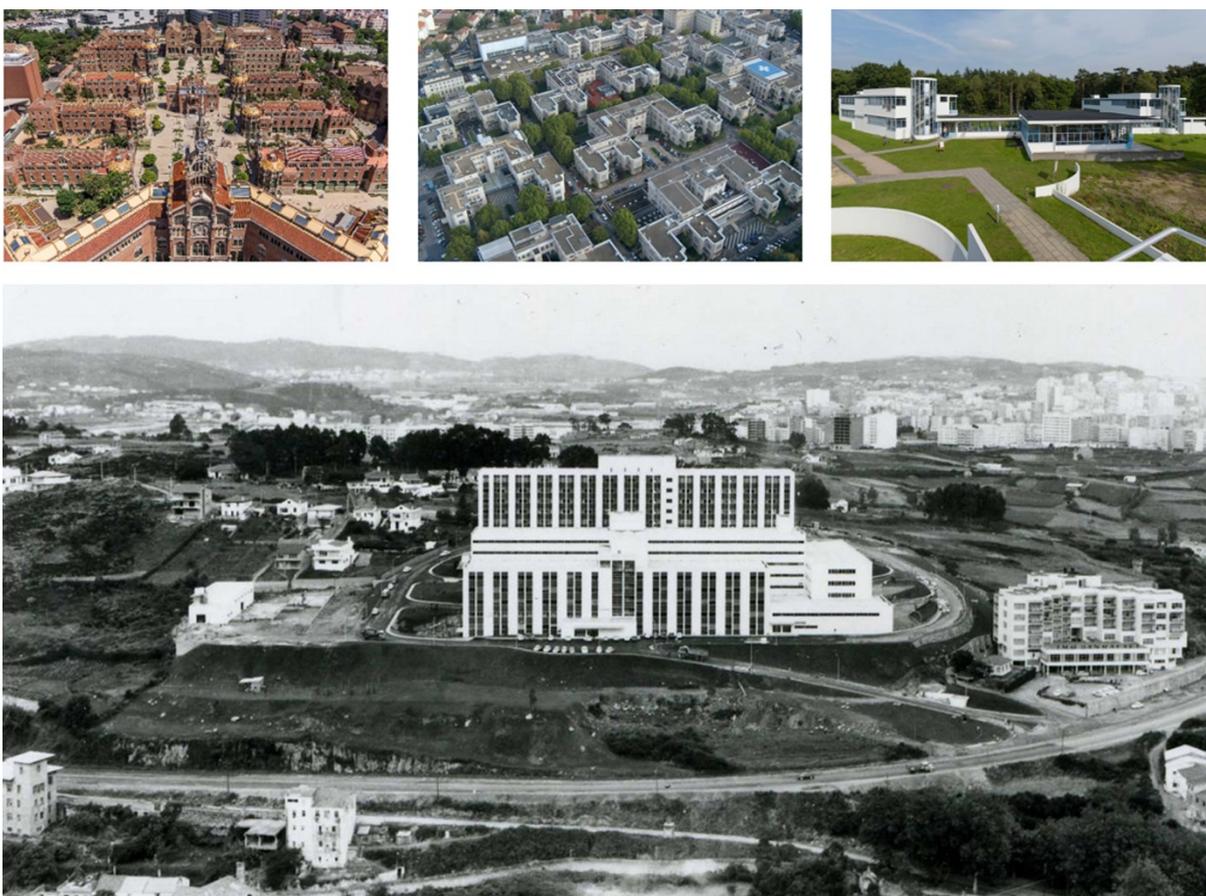


Figura 1. Na parte superior: *Hospital de Sant Pau y la Santa Creu*; *hospital Grange-Blanche*; e *Zonnestraal*.

Na parte inferior: *Hospital Juan Canalejo*, hoje CHUAC, em 1972.

Fonte: Alberto Martí Villardefrancos (inferior).

Este processo analítico (Portas, 2003: 70-91) permitir-nos-á estabelecer os atributos do lugar e determinar a sua idoneidade para acolher a ampliação de uma infraestrutura de alcance metropolitano. É evidente que a decisão, como uma projeção para o futuro, requer uma abordagem desde uma perspetiva urbanística, visto que condicionará o uso e a imagem de parte importante do território durante, pelo menos, cinquenta anos.

Algumas intervenções urbanas prévias: Edifícios ‘singulares’

É necessário considerar, inicialmente, algumas infraestruturas localizadas em diversos lugares do *TM A Coruña*, tanto em fase de projeto como já executadas, que foram fruto da

urgência na tomada de decisão. Exporemos o sucedido com cinco de desses projetos destinados a usos significativos (Alfonso Ríos, 2016), datados num intervalo de seis anos, entre 2003 e 2009. Um de carácter cultural, três de natureza comercial e um de interesse social (**Figura 2**).

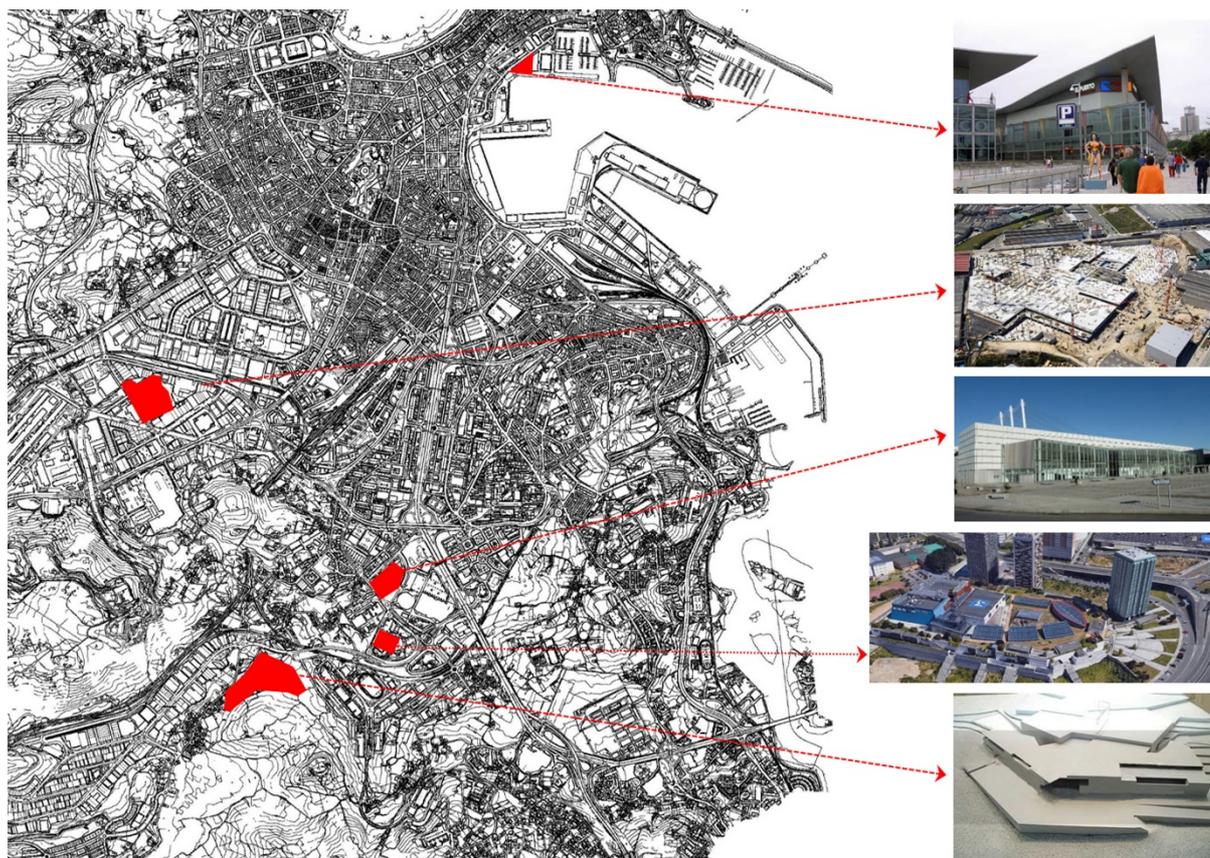


Figura 2. Edifícios singulares: localização no tecido urbano.

Fonte: elaboração própria.

O primeiro, de carácter cultural, não passou da fase de projeto. Em 2003, foi apresentado no concurso internacional convocado para a criação da *Casa de la Historia o de los Antepasados*, dentro de um parque arqueológico urbano planificado nas imediações do *Castro de Elviña*, zona de vestígios megalíticos na periferia da cidade. O júri declarou vencedor por unanimidade o projeto do arquiteto Manuel Gallego, mas o mesmo nunca se chegou a materializar. Paradoxalmente, quase duas décadas depois, em 2020, a Câmara Municipal decidiu promover um centro de interpretação no *Castro de Elviña* que permita

visitar 12 dos 20 hectares que compõem a totalidade do espaço. Ainda se encontra em trâmite.

Os três seguintes, destinados a atividades comerciais e de ócio, *El Puerto Centro Comercial y de Ocio*, *Dolce Vita* e *Espacio Coruña*. O edifício *El Puerto Centro Comercial y de Ocio*, em pleno centro, foi inaugurado em agosto de 2005. Após várias adaptações, reabriu em 2007 com todo o tipo de lojas e espaços comerciais. Fruto também de um concurso internacional, viu-se, desde o princípio, implicado numa série de conflitos judiciais. Até o próprio *Tribunal Superior de Xustiza de Galicia –TSXG-*, que considerou ilegais quer a adjudicação da construção quer a gestão do complexo, assinalou a perda de uma oportunidade única para a cidade. Atualmente, o centro tem uma atividade quase exclusivamente dedicada ao ócio noturno, depois de a atividade comercial ter desaparecido e de as lojas terem encerrado há já vários anos.

O *Centro Comercial Dolce Vita* foi inaugurado em 2009 no parque industrial *A Grela*. Cinco anos mais tarde, em janeiro de 2014, fechou as portas. Em 2019 anunciou-se que na primavera de 2021 teria uma nova vida como *Breogán Park*, um parque comercial de última geração. No entanto, o projeto ainda não viu a luz do dia.

No mesmo ano de 2019 abre outro centro comercial, *Espacio Coruña*, num parque residencial recentemente desenvolvido, em Someso. Foi vendido pelos promotores iniciais ao grupo basco *Inbisa*, em 2017, que estava disposto a proceder a uma remodelação total, ação que ainda não teve início.

O quinto equipamento, o *recinto feiral Expocoruña*, foi inicialmente gerido por um Conselho composto por seis membros: o *Concello da Coruña*, a *Deputación Provincial*, a *Xunta de Galicia*, a *Cámara Oficial de Comercio, Industria y Navegación de A Coruña*, a *Confederación de Empresarios de A Coruña – CEC –* e *Afundación*, que ficou reduzido após o abandono da *Cámara Oficial de Comercio* e da *CEC*. Este edifício multiusos, inaugurado em 2008, dispõe de todos os serviços necessários para a realização de qualquer tipo de eventos de produção própria ou externa: feiras, congressos, exposições, festivais, competições desportivas, eventos corporativos... Como fator diferenciador do projeto devia ter sido considerada a inclusão de alguns valores como inovação, cultura, design e tecnologia. Neste mesmo local estabeleceu-se inclusivamente o hospital de campanha antiCOVID, embora nunca se tivesse chegado a utilizar como tal. Desde a abertura, a

gestão deste espaço tem sido marcada por entraves advindos da incapacidade de autofinanciamento e da escassez de recursos económicos.

Quatro grandes operações urbanísticas: o porto, a estação intermodal, a cidade das TIC e o CHUAC

As cinco intervenções anteriormente descritas podem ser consideradas representativas do carácter 'individualizado' com que se levaram a cabo diversas atuações no âmbito urbano, desatendendo quer os efeitos que podiam vir a ter no meio envolvente mais próximo, quer a inter-relação com outros elementos urbanos. Por sua vez, a administração pública planificou quatro 'macro' operações urbanísticas (**Figura 3**) com a pretensão de transformar a imagem do território (Moya, 1991:16),

A primeira, sobre os molhes *Bateria* e *Calvo Sotelo* na frente marítima da Coruña. A solução talvez não passe por usos ocorrentes: um terminal rodoviário, espaços comerciais –não será suficiente o número de lojas fechadas?– ou *umas quantas casas* “unas pocas viviendas”, como sugeriam alguns colegas de profissão. Torna-se premente estabelecer uma estratégia territorial sustentável (Prieto, 2011:177) que não dependa de interesses particulares e de vaivéns eleitorais. Uma estratégia que aposte na conveniência de introduzir usos universitários nestes locais (López González, 2019), naturalmente compatíveis e complementares aos usos portuários; turísticos, de congressos, náuticos, pesqueiros e industriais, procurando criar sinergias para revitalizar bairros do centro da cidade.

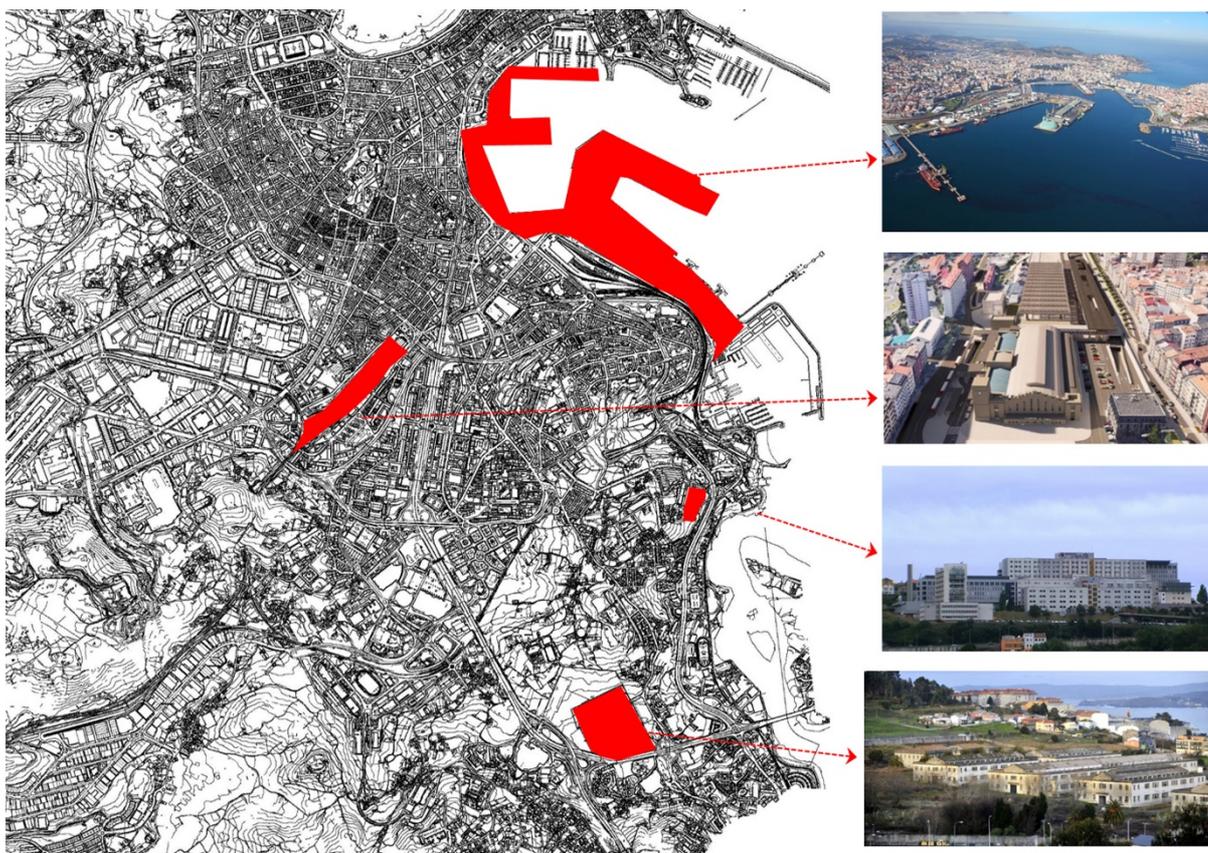


Figura 3. Quatro 'grandes' atuações urbanísticas: localização no âmbito urbano

Fonte: elaboração própria.

A segunda, a construção de uma estação intermodal na atual estação de caminho-de-ferro de *San Cristóbal*. Uma ação que implica também a transladação da estação rodoviária existente para os terrenos ferroviários na Avenida da Sardiñeira. Esta mudança afeta duas infraestruturas que distam escassos 300 metros uma da outra, ignorando totalmente a possível melhoria da conexão entre as duas, exequível se se criasse um corredor urbano eficiente entre ambas. Para se ir de uma estação à outra, a pé, não é necessário dispor de mais de 6 minutos. Uma distância perfeitamente aceitável. Compare-se com a última viagem de avião realizada: o tempo que transcorre entre as salas de embarque do aeroporto ou entre a entrada e a porta de embarque. Além do mais, o efeito causado pela deslocação da estação rodoviária do plano baixo da cidade para uma cota mais alta dificulta o acesso pedonal, sem se poder apreciar um melhoramento significativo da mobilidade rodoviária. A par desta última ação, existe a pretensão de implementar um plano geral de trânsito, tendo em consideração as consequências da pandemia atual, que demonstrou a

impossibilidade de suprimir os veículos particulares, e sem esquecer a coexistência imprescindível com o transporte público e com o trânsito pedonal.

Para a recuperação do uso eficiente da urbe é necessário desenvolver uma estratégia fundamentada em três pilares. Como ponto de partida, será preciso retirar as faixas reservadas ao estacionamento nas circulares urbanas, avenidas e ruas principais que configuram o sistema viário geral. Como segunda ação, é essencial planejar um reordenamento do transporte público rodoviário baseado numa análise das linhas e dos percursos, apreciando a dimensão ideal dos veículos para cada linha e avaliando a necessidade efetiva das cerca de 500 paragens existentes na atualidade. Por último, a implementação de faixas de rodagem, especializadas ou com vários usos partilhados, que possam acolher *VTP* -veículos de transporte pessoal- de todo o tipo ou outros que a tecnologia, no futuro, certamente nos trará.

A terceira intervenção baseou-se na criação de *ilhas* com usos especializados, quer habitacionais, como os parques residenciais, hoje bairros da cidade, de *Matogrande* ou *Los Rosales*; industriais, como os parques de *A Grela-Bens*; de escritórios, qual o sector conhecido como *Parque Ofimático*, reconvertido em bairro residencial; universitários, como o *Campus de Elviña-A Zapateira*. Estas ações reproduziram a mecânica funcionalista do século XX, obsoleta para enfrentar os desafios do século XXI e a mestiçagem de usos. Com efeito, ainda se continua a aplicar, como ilustra a ideia obstinada de transformar parte do recinto da Fábrica de Armas, um terreno com cerca de 23 hectares, num *campus TIC*. Tal ação, louvável enquanto modelo de colaboração empresa-universidade, torna-se censurável no que diz respeito à localização escolhida, especialmente se tivermos em conta o carácter 'inacabado' dos *campi* existentes. A cidade não precisa de mais *ilhas*, nem de mais investimentos inconclusos.

Em quarto e último lugar, a ampliação do *CHUAC* na zona de Eirís. A implementação da infraestrutura hospitalar nos anos 70, e sucessivas ampliações, gerou um elemento desproporcionado, sem espaços abertos nas áreas circundantes, incapaz de incorporar a natureza seguindo um *design* biofílico, que a recente pandemia de coronavírus asseverou como necessário e imprescindível. O estudo desta estrutura constitui o ponto central deste texto.

A localização do CHUAC através de cinco aspetos analíticos

A análise da expansão do *Complejo Hospitalario Universitario de A Coruña -CHUAC* - na zona de Eirís baseia-se em cinco aspetos. No primeiro, aborda-se a equiparação deste elemento a uma infraestrutura da vida quotidiana (Sánchez de Madariaga, 2004). O segundo trata da acessibilidade ao hospital através meios de transporte atuais e previstos a curto prazo. O terceiro centra-se na introdução terapêutica da natureza, bem como no impacto paisagístico causado no espaço envolvente, natural e edificado, fundamentalmente de natureza doméstica. A quarta explicita o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas que envolvam uma mutação do *design* das infraestruturas de serviços de saúde. Por último, no quinto, confronta-se a estratégia contemplada pela administração local no *Plan Genelar de Ordenación Municipal* vigente.

1º. A equiparação de uma infraestrutura de carácter metropolitano a uma de uso quotidiano.

O CHUAC é um centro de referência em inúmeras especialidades, quer para as cerca de 500.000 pessoas da área de saúde de A Coruña-Cee, quer para um número considerável de pacientes da nossa comunidade autónoma, do resto do Estado espanhol ou até mesmo de Portugal, que o procuram para tratamentos necessários. É, portanto, um centro de natureza metropolitana polinuclear tácita (Feria Toribio, 2018: 655).

Como eixo central da rede de serviços de saúde, concentra-se no seu recinto –edifício e espaço livre adjacente- um elevado fluxo de pessoas –pacientes, acompanhantes, pessoal médico, administrativo, de serviços e pessoal auxiliar externo complementar-. Neste sentido, pode ser equiparada a quaisquer infraestruturas patrimoniais sujeitas a uma elevada intensidade de uso, como portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias. Locais que comportam a circulação de um elevado número de pessoas. Porém, qualquer hospital é, simultaneamente, uma infraestrutura pensada para o quotidiano e torna-se por isso imprescindível combinar as diferentes abordagens –científica, financeira, humanística, de manutenção ou técnica-, priorizando aquelas que afetam pessoas-pacientes / familiares dos pacientes e pessoal de saúde (Sánchez de Madariaga, 2016). Nunca se deve basear a análise no número de camas/visitantes, nem no de trabalhadores-número. Pretende-se uma infraestrutura útil e aprazível cujo principal objetivo seja o atendimento personalizado,

eficiente e acessível e que deve, ao mesmo tempo, procurar ser um modelo de investigação espacial e de saúde, de desenvolvimento e de educação.

Esta equiparação implica necessariamente uma fácil permeabilidade e acessibilidade a peões, viaturas, ou a qualquer outro tipo de mobilidade cuja implementação esteja prevista para breve.

2ª Mobilidade num futuro próximo

O acesso ao complexo hospitalar apresenta-se como uma questão prioritária. De facto, a *Xunta de Galicia* realizou um estudo de mobilidade, em setembro de 2019, centrado no traçado rodoviário. Não foram consideradas outras alternativas de acesso, como o comboio, o autocarro metropolitano/interurbano ou outros meio de transporte, nem foram considerados “fatores” específicos que permitissem fazer qualquer apreciação significativa (Castells, 2014: 232). O estudo parece responder a um antigo modelo de mobilidade, omitindo o futuro tecnológico com alternativas, nalguns casos, já presentes.

O primeiro, o aparecimento do veículo, individual ou coletivo, autónomo, elétrico, movido a hidrogénio ou a outra energia. Madrid, por exemplo, tem desde janeiro de 2020 um pequeno autocarro de 12 lugares, o *EZ 10*, que circula sem motorista no *campus Cantoblanco* da *Universidad Autónoma*. A segunda alternativa, transporte inteligente, como o *EMT Smart Bus*, que pode ser facilmente reservado usando uma *app*. Medida lançada na citada cidade em julho de 2020. A linha liga o *Hospital 12 de Octubre*, em Usera, ao *Hospital Infanta Leonor*, em Villa de Vallecas, através de uma rede composta por 73 paragens. E a terceira, a incorporação irrefreável de *drones* e táxis aéreos para transporte de pessoas ou de mercadorias. O serviço de navegação aérea *Enaire* e a empresa aeronáutica *Airbus* assinaram um acordo de colaboração para promover ações de *I+D+i* no âmbito aeroespacial espanhol. Isso significa promover o espaço aéreo *U-Space*, um conjunto de serviços digitais automáticos complementares ao sistema convencional de gestão de tráfego.

E se o primeiro aeroporto para *drones* e táxis aéreos parece que vai ser construído no Reino Unido, em Espanha, no ano de 2022, a *Enaire* vai testar os primeiros táxis voadores, em Barcelona, Jaén e Santiago de Compostela.

A proposta do *CHUAC* ignora o futuro da mobilidade, sem prever o espaço preciso para a acomodar, nem as ações para a ligar à cidade e à área metropolitana. A acessibilidade ao local em transportes públicos tem de ser encarada como uma ação primária, prioritária do

ponto de vista da sustentabilidade e da mobilidade urbana, sem interferir no fluxo de veículos particulares



Figura 4. CHUAC e ampliação

Esq. superior e inferior: estado atual; dir. superior: proposta apresentada; e dir. inferior: interpretação volumétrica

Fonte: *Xunta de Galicia* (esq. e dir. superiores); elaboração própria (esq. e dir. inferiores)

3º. A natureza e a paisagem como elementos terapêuticos

As autoridades de saúde não parecem ter em consideração os benefícios da natureza nos cuidados e no bem-estar físico e psicológico. A proposta incorpora a natureza de forma banal, sem que participem dela as instalações do hospital. Apenas um reduzido número de quartos tem vista para o mar, alguns quartos estão orientados para as traseiras e a maioria dá para os pátios existentes entre blocos, sendo quase impossível apreciar a vegetação ou usufruir de vistas mais amplas. Nos quartos dispõem-se camas e, obviamente, as camas não precisam da presença de uma árvore, nem tão-pouco de observar o horizonte. Contudo, a diversidade da paisagem também implica saúde (Hough, 1998: 23).

A proposta para o novo hospital pressupõe uma expansão horizontal e vertical consideráveis. Ultrapassa a escala doméstica local desta zona de moradias unifamiliares. Na recriação virtual da proposta, percebe-se uma superlotação do terreno, com um espaço livre residual, tangente ao hospital. Um volumoso magma acumulado numa cota elevada. A imagem projetada e disseminada do hospital num plano de assentamento quase horizontal não corresponde à realidade topográfica. É íngreme e não facilita a acessibilidade.

A ação quebra a paisagem, endurece a cidade e o território e dificulta a relação das pessoas com o meio (**Figura 4**). A natureza não se enquadra nas considerações da administração nem mesmo nos projetos mais importantes, mas a recuperação do contato entre as pessoas e o ambiente natural é um objetivo básico de uma política territorial 'conciliatória' (Castells, 1991: 57-60).

A contradição entre teoria e prática relativamente aos espaços verdes e à paisagem torna-se evidente com a política seguida no plano *Rede Natura 2000*. A superfície que a compõe ficou, durante duas décadas, estagnada em 11,7% dos cerca de 30.000 km² da nossa comunidade autónoma. A percentagem mais reduzida do conjunto de territórios que compõem o estado espanhol. Durante todo este tempo, não houve qualquer incorporação de áreas com valores ecológicos. Tais dados espelham bem a atitude da administração em relação à natureza.

4º. A implementação de novas tecnologias hospitalares

Os especialistas assinalam que os hospitais públicos que pretendam continuar a ter protagonismo na Europa em 2030/35 (Pérez Lázaro, 2016: 63-71) terão de enfrentar um triplo desafio: a excelência operacional na gestão do conhecimento, nos processos e nos serviços de saúde.

O *CHUAC*, paradigma do modelo de hospital público europeu, funciona há cinco décadas como hospital geral. Uma peça central do sistema de saúde caracterizada pela excelência do seu desempenho e pela capacidade de inovação em técnicas clínicas. No entanto, os desafios que enfrenta hoje são inéditos, não só pela situação provocada pela COVID, mas também pelo impacto das TIC aplicadas à tecnologia no âmbito da saúde; pelas expectativas que as mesmas abrem tanto entre os profissionais de saúde quanto na sociedade; pela evolução demográfica; pelos novos modelos de gestão de saúde; ou

mesmo devido a fatores económicos, como a contenção de gastos -eufemismo de gastos decrescentes-, que afeta a saúde pública.

A concentração de recursos e profissionais especializados num só edifício respondeu, entre outros motivos, tanto a uma economia de escala: maior volume de trabalho, menor custo unitário e maior aproveitamento de recursos, quanto a uma economia de escopo: o uso de infraestruturas e recursos humanos existentes. No entanto, o hospital do século XXI parece estar mais voltado para a aplicação de protocolos -padrões procedimentalmente acordados- do que para resolver situações singulares recorrendo à "originalidade".

O *CHUAC* deve enfrentar os desafios motivados por uma tecnologia cada vez mais apurada, que envolve o paciente nos seus próprios cuidados e procura motivar os profissionais de saúde para a garantia de um adequado desempenho das suas tarefas. Abrange, entre outros temas, o atendimento individualizado ao paciente, quer no próprio domicílio, quer em centros de dia; ou a assistência integral aos doentes crónicos e idosos.

É portanto necessário rever esta abordagem baseada na concentração. Desde a última década do século XX, em países como a Holanda, vislumbrou-se a chegada de um hospital sem fronteiras claras (Wagenaar, 2018). Com um tamanho inferior ao do gigante atual e com um núcleo de instalações ligadas por tecnologias da informação, este hospital inclui elementos tecnologicamente avançados, como identificadores corporais, sensores e outros implantes internos. Novos modos de controlo e medição do organismo humano. Consequentemente, tanto o traçado dos espaços físicos especificamente dedicados à saúde quanto a forma como estão dispostos no território serão alterados. No entanto, a necessidade de se adaptar, com facilidade e flexibilidade, a circunstâncias imprevistas ou incertas permanecerá invariável.

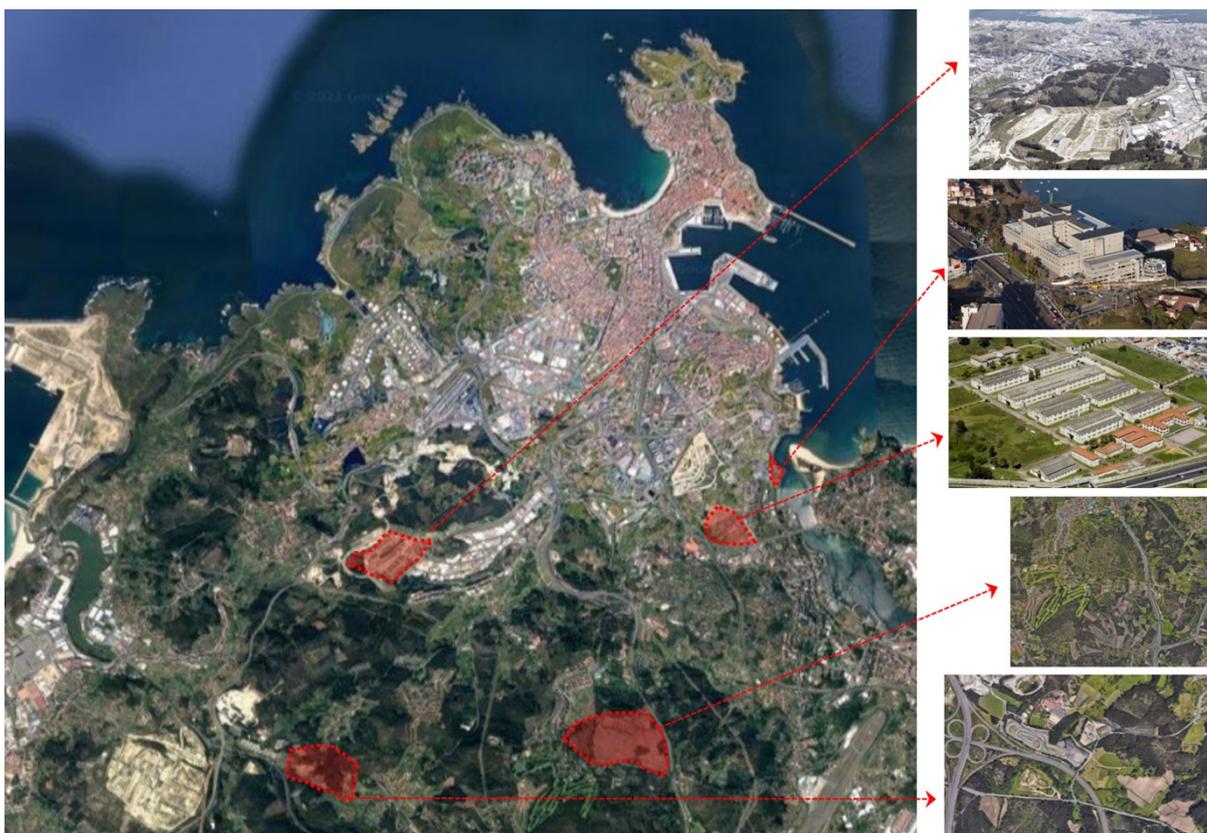


Figura 5. Localizações *alternativas* para a ampliação do CHUAC sobre imagem de Google Maps

Fonte: elaboração própria

e 5º. Estratègia *PXOM 2013* em vigor

O *Plan Xeral de Ordenación Municipal* aprobado em 2013 não contempla uma ação metropolitana desta profundidade, sem dúvida uma anomalia (Paisagem Transversal, 2018: 58-59), atribuindo um uso residencial a uma parte do terreno que será ocupado por esta ampliação, portanto será imprescindível introduzir mudanças neste quadro regulamentar. Também os regulamentos autonómicos de ordenamento do território aprovados em 2011, as *Directrices de Ordenación del Territorio*, contornam a implementação das instalações. Além disso, o governo local suspendeu as licenças urbanísticas em parte da frente marítima para proteger o núcleo tradicional de *As Xubias*, setor próximo ao *CHUAC*. No concurso público, o caderno de encargos visa alterar o atual regulamento de ordenamento do território, elaborando um documento que permita, entre outras questões, “mejorar la calidad

y la funcionalidad de las dotaciones, infraestructuras y espacios públicos” ou “integrar en el tejido urbano cuantos usos resulten compatibles con la función residencial”.

Nesta área, ainda hoje está incluído o *Hospital Materno Infantil*. Na memória de muitos corunheses, ainda fica naquela zona o ‘antigo’ *Hospital da Coruña*. Um local que tem uma área total de 6,5 hectares, se somarmos ao lote de domínio público cerca de 5 hectares de terreno adjacente, praticamente sem construção, e com uma frente para a via pública de cerca de 350 metros. Uma área cujo desenvolvimento envolveria apenas um paço, catalogado, face à resolução aprovada que exige a expropriação de vinte e duas casas e atinge um número considerável de lotes. Zona de fácil acessibilidade metropolitana e urbana, com ligação direta, tanto rodoviária como ferroviária. Um espaço à beira da ria, com amplas vistas e com possibilidade de incluir alguns espaços verdes no seu recinto, integrando aspetos biofílicos no tratamento dos doentes. Um local que incentiva uma leitura atualizada do modelo hospitalar do início do século XX transformado num modelo para o século XXI.

Por outro lado, um documento elaborado pela associação de moradores, a AA. VV. *Uxío Carré de Eiris*, que dá voz aos cidadãos atingidos pela ampliação, identifica, como alternativas, quatro locais para instalar o hospital que vai substituir ou complementar o atual. Dois deles no *TM de A Coruña*: a Fábrica de Armas e o Parque Industrial de Vío. Um terceiro no *TM de Arteixo*, no lugar de Morás, muito próximo de um importante entroncamento rodoviário, o nó da A6 com a AP55, e o quarto no *TM de Culleredo*, em A Zapateira, num terreno atrás do campo de golfe existente (**Figura 5**).

Em síntese, há cinco possíveis localizações que, perante a situação hospitalar ocasionada pela COVID, devem ser reavaliadas. Conviria ainda referir que até 1912 o *TM de A Coruña* tinha uma área aproximada de 7,8 km² aumentada com a anexação do vizinho *TM de Oza* aos atuais 37 km². Uma extensão que o tornou o segundo *TM*, capital de província, mais pequeno de Espanha. Ainda assim, existe a pretensão de concentrar neste território tão limitado um conjunto de infraestruturas com vocação metropolitana, relegando o vazio como principal elemento de conformação territorial.

CONCLUSÕES

Descrito o contexto, quer através de intervenções pontuais, quer de grandes operações urbanísticas e analisados os diversos aspetos que configuram o sector do *CHUAC*, ressalta claramente deste estudo a necessidade de estabelecer critérios sistémicos e de apreciar as alternativas, repensando a situação herdada, de acordo com os aspetos abordados no texto. Em primeiro lugar, a análise das características essenciais do espaço é um antídoto eficaz contra o predomínio do emblema derivado da mera arquitetura objetual. Assim o demonstram as decisões adotadas sobre os cinco elementos inicialmente descritos, edifícios singulares e autónomos. Localizadas em diferentes lugares de oportunidade, mesmo quando almejavam a excelência nas respetivas funções de uso, desaproveitaram ou ignoraram criação de possíveis sinergias com o meio envolvente e assim alcançaram mais fracassos do que sucessos. Parece necessário limitar o 'excepcional', sem pretender que esta categoria se torne extensiva a toda a intervenção arquitetónica.

Em segundo, devemos notar a ausência de uma estratégia que coordene os desafios estruturais, funcionais e icónicos destas peças com as quatro grandes operações urbanísticas: porto, estação intermodal, cidade das TIC e *CHUAC*. A administração pública revelou-se incapaz de compreender as repercussões globais, tanto no tempo como no espaço. Se a visão temporal está ligada a interesses a curto-prazo, a espacial carece da vontade de criar um espaço público, significativo em dimensão, associado a estes elementos arquitetónicos representativos, independentemente do limite municipal em que se localizarem. A desconexão entre as ações edificatórias -edifícios singulares- e as grandes operações urbanas configuram um território fragmentário co que se omite tanto a ideia de sistema como o conceito de rede.

Por último, é essencial apontar que os cinco aspetos abordados em relação ao complexo hospitalar *CHUAC* revelam as condições contornadas para levar a cabo as obras de ampliação do hospital: a necessidade de considerar a relevância do uso quotidiano da infraestrutura hospitalar, bem como o carácter básico num âmbito metropolitano; a ineludível necessidade de implementar esta dotação com uma acessibilidade complexa que tenha em conta o presente e o futuro mais imediato; a importância da vegetação como elemento terapêutico que tenha em conta as necessidades fisiológicas de profissionais de saúde, pacientes e visitantes; a flexibilidade como um dos componentes físicos das novas

instalações dos serviços de saúde, juntamente com a necessária amplitude dos espaços exteriores, um património exíguo no lugar proposto; e, por último, a ausência, tanto no *PXOM de 2013* como nas diretrizes autonómicas de ordenamento do território, de uma planificação de acordo com uma ação metropolitana desta envergadura.

Não se trata de desvalorizar o hospital tal como o conhecemos, mas de o preparar para o futuro aproveitando as potencialidades de outros lugares. É inquestionável que um projeto desta magnitude irá condicionar o uso e a imagem do território. Se a localização do atual *Hospital Universitario de A Coruña* em Eiris, a opção escolhida nos anos 70, parecia advir de razões sobrevindas, a ampliação agora proposta desconsidera pessoas, paisagem, cidade e território.

Referências bibliográficas

_ Alfonso Ríos, Fernando. “El potencial dinamizador de los grandes equipamientos comerciales en espacios metropolitanos. Un análisis comparado en tres realidades españolas”. DOCFRADIS Working Papers, doc 05/2016,

https://econpapers.repec.org/scripts/redir.pf?u=http%3A%2F%2Fwww.catedrafundacionarecesdcuniovi.es%2Fdocs_trabajo%2F8j8wt_Docfradis_2016_05_maquetado.pdf;h=repec:ovr:docfra:1605

_ Castells, Manuel: “Estrategias de desarrollo metropolitano en las grandes ciudades españolas: la articulación entre crecimiento económico y calidad de vida”. Em Jordi Borja et al., eds. *Las grandes ciudades en la década de los noventa*. Madrid: Sistema, 1991: 17-64.

_ Castells, Manuel. *La cuestión urbana*. México: Siglo XXI, 2014.

_ Feria Toribio, José María. “Crecimiento urbano, crisis inmobiliaria y planificación metropolitana en España”. *Ciudad y Territorio. Estudios Territoriales*, vol. L, 198 (2018): 651-659.

_ Fourquet, François y Lion Murard. *Los equipamientos del poder. Ciudades, territorios y equipamientos colectivos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

_ Hough, Michael. *Naturaleza y ciudad. Planificación urbana y procesos ecológicos*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

_ López, Cándido et al. “El espacio portuario de A Coruña como un campus TIC sostenible para la UDC”. En *XIII CTV 2019 Proceedings: XIII International Conference on Virtual City and Territory: Challenges and paradigms of the contemporary city*: UPC, Barcelona, October 2-4, 2019. Barcelona: CPSV, 2019, p. 8511. E-ISSN 2604-6512. DOI <http://dx.doi.org/10.5821/ctv.8511>

- _Moya González, Luis. "Las grandes operaciones urbanísticas: construcción en Madrid de equipamientos metropolitanos para el ocio y la cultura". *Urbanismo*, COAM (enero 1991): 16-26. [revista-urbanismo-n12-pag16-27.pdf \(coam.org\)](#)
- _ Paisaje Transversal. *Escuchar y transformar la ciudad. Urbanismo colaborativo y participación ciudadana*. Madrid: La Catarata y Fundación Arquia, 2018.
- _ Pérez Lázaro, Juan José y Joan Carles March Cerdá, eds. *El futuro de los hospitales. 20 Congreso nacional de hospitales y gestión sanitaria ¿cómo continuamos progresando?* Sevilla: Escuela Andaluza de Salud Pública, 2016.
- _Portas, Nuno et al., coords. *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- _Prieto, Eduardo. *La arquitectura de la ciudad global. Redes, no-lugares, naturaleza*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2011.
- _ Sánchez de Madariaga, Inés. "Infraestructuras para la vida cotidiana y calidad de vida". *Ciudades* 8 (2004): 101-133.
- _ Sánchez de Madariaga, Inés. "The mobility of care. Introducing new concepts in urban transportation". Em Sánchez de Madariaga, Inés y Roberts, Marion, eds. *Fair share cities. The Impact of Gender Planning in Europe*. London: Routledge, 2016.
- _ Wagenaar, Cor et al., eds. *Hospitals: a design manual*. Basel: Birkhäuser Verlag, 2018.